



# SEMENTES DE RESISTÊNCIA - Cultivando a vida no assentamento Dênis Gonçalves!

Nº 11 - Agosto de 2019



Em 30 anos, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra tem muito o quê celebrar em Minas Gerais e o assentamento Dênis Gonçalves é uma das conquistas a ser celebrada!

Este assentamento foi implantado na área da antiga Fazenda Fortaleza de Santana e localiza-se no município de Goianá (Zona da Mata mineira), no bioma Mata Atlântica.

Ocupada em 2010, a antiga fazenda Fortaleza de Santana reconta a história do Brasil por ter sido uma sesmaria e permanecer no poder de poucas famílias durante todo este tempo. O que significa sesmaria? Significa que as terras da Fortaleza de Santana foram doadas pelos reis aos seus antigos donos. Assim é a história de muitos senhores de terra no Brasil, um dia elas foram ganhadas e não compradas! E se já não bastasse ter ganhado a terra, os fazendeiros ainda escravizaram muitas pessoas. Nesta fazenda, por exemplo, houve a presença de mais de 300 pessoas escravizadas.

Após a abolição da escravatura, italianos e alemães vieram trabalhar no local. A fazenda foi grande produtora de café e leite, mas antes da ocupação pelo MST ela estava improdutiva. A área do assentamento, na antiga fazenda, possui imensas riquezas naturais, como a abundância em água – que foi muito utilizada para escoar o café produzido no alto da Serra da Babilônia. Nesta serra existe também um cemitério indígena onde foram encontradas múmias que datavam de mais de 600 anos, ou seja, antes da invasão portuguesa!

O histórico da fazenda fez dela área destinada à reforma agrária, segundo nossa constituição. Por isto, somado a necessidade de se fazer reforma agrária na Zona da Mata mineira, o MST tomou para si a tarefa de ocupar, de forma pacífica, a fazenda e nela resistir e existir. Das idas e vindas, despejos e muito sofrimento, o movimento reocupou a área no dia 3 de setembro de 2013, data em que celebra a sua conquista. Em fevereiro de 2014 o assentamento foi criado oficialmente. O nome, Dênis Gonçalves, foi escolhido em homenagem a um jovem do assentamento Olga Benário, em Visconde do Rio Branco, falecido em acidente.



Rio do Tempo e a história do assentamento.



## A produção da vida após a conquista

Com mais de 130 famílias, o assentamento hoje é referência na região. Produz muito alimento e artesanato comercializados diretamente aos consumidores – nas feiras locais, regionais, estadual e nacional. Os consumidores, de Goianá em especial, são favorecidos com a produção de alimento sadio, sem agrotóxicos, entregues em suas portas por muitas/os assentadas/os. Além da produção de alimento, tem muita cultura popular, que é também cultivada e semeada por toda a região da Zona da Mata! No assentamento, é planta crescendo, são crianças nascendo e renovando a nossa esperança na construção de um presente mais justo e solidário!

Na consolidação da reforma agrária popular e de um novo projeto de sociedade, cada vez mais o Movimento Sem Terra tem assumido e apontado a agroecologia como um elemento fundamental nesta mudança. Muitas questões então surgem como saneamento rural apropriado ao local, infraestrutura necessária, manejo do solo e da água e, principalmente, a alimentação como um ato político – que reflete na escolha do que plantar, de como produzir e



comercializar, do que se alimentar e, na prática, de fortalecer a soberania alimentar nos territórios.

Hoje no assentamento existem diversos trabalhos que envolvem a produção sadia dos alimentos. Há cursos de agroecologia, *intercâmbios agroecológicos*, grupos de assentadas/os que trabalham em cooperação, terreiros culturais e até uma disciplina de agroecologia na escola do assentamento! Estas ações são possíveis devido às inúmeras parcerias que o movimento constrói em seu caminhar, seja com as/os trabalhadoras/es da área, seja com universidades e os demais movimentos sociais.



*Intercâmbio Agroecológico*: é um momento de encontro de pessoas com seus saberes e histórias, em que todos são convidados a partilhar e construir juntos muitos sonhos! Durante o intercâmbio ocorre muita sensibilização com místicas, muita arte e cultura popular com instalações artístico-pedagógicas, poesias e música, muito diálogo e conhecimento com caminhadas pela área, troca de sementes e mudas, e muita alegria com partilha de alimentos e celebração da comunidade!



## Um trabalho sobre as sementes no assentamento

A partir desta possibilidade, foi feita uma pesquisa no intuito de conhecer as estratégias de conservação das sementes crioulas no assentamento Dênis Gonçalves. As sementes crioulas são assim chamadas porque foram adaptadas, selecionadas e melhoradas pelas/os camponesas/es, povos e comunidades tradicionais e hoje são sementes de resistência frente aos avanços da agricultura comercial e do capitalismo neoliberal.

O trabalho começou com a construção coletiva do “Terreiro Cultural Walmir Pulga”, em 2017,

em parceria com a Universidade Federal de Viçosa (UFV). O planejamento e realização do terreiro cultural permitiram aos estudantes da UFV conhecer melhor a realidade da reforma agrária e aprender muito com cada assentada e assentado que dispôs do seu tempo para



Primeiro Terreiro Cultural Walmir Pulga (dez/2017).

contar sua história, socializar seus saberes e sonhar juntos na construção deste Terreiro.

Após a realização do terreiro, outras visitas às/aos assentadas/os foram feitas, por pelo menos um dia, no qual as sementes crioulas utilizadas e os saberes relacionados aos cultivos e manejos foram conhecidos e registrados.

Para tanto, caminhamos pelas áreas do assentamento, conversamos

*Primeiros intercâmbios agroecológicos realizados no assentamento em 2018.*



*Troca de sementes durante o intercâmbio.*

*Valorizando a comida da roça, saudável e local.*

com as pessoas sobre a trajetória de vida delas, sobre as lutas e conquistas do assentamento.

Realizaram-se também intercâmbios agroecológicos nos agroecossistemas estudados (como forma de socialização dos saberes entre o grupo), trocas de sementes e mudas, valorização da história e dos alimentos da roça e muita arte e cultura popular.

## Ponha a semente na terra, não será em vão!

Encontramos muitas sementes e com muitos jeitos diferentes de cuidar! São várias as estratégias para conservar e manter essas sementes. A primeira semente importante que foi plantada se chama “luta pela terra”, que permitiu conquistar o assentamento e retomar o cuidado com as sementes.

Para as assentadas/assentados, as sementes são fonte de vida e história; são carregadas de sentimentos, sabores e afetos, e são também uma forma de resistência e luta pela soberania alimentar. Assim como as pessoas, cada semente tem o seu valor. Por isto são mantidas com muito zelo e resistência das/os assentadas/os, plantadas em pequenos vasos, reproduzidas nos cantinhos de quintal, nas terras ocupadas e nas terras de familiares e amigos – que cuidaram das sementes e depois passaram para as/os assentadas/os após a conquista da terra. Sem a terra é difícil cuidar das sementes, pois elas precisam da terra para germinar e crescer. Precisam também do trabalho árduo, de quem estima e ama a terra como sua mãe! Por

isto e por muito mais, todos precisam apoiar a reforma agrária, pois sem a terra e sem gente que ama a terra não há semente, o berço da vida!

A partir da conquista e dos novos desafios advindos dela, as sementes têm sido resgatadas, selecionadas e incorporadas ao plantio. Nós registramos 253 plantas nas roças e matas ao entrevistar oito famílias (pelo menos uma em cada núcleo do assentamento), com um total de treze pessoas. Os camponeses cultivam e fazem uso destas plantas e muitos já reconhecem as que existem nas matas do assentamento – onde se encontram várias espécies nativas. Algumas destas espécies estão inclusive na lista em extinção, como a juçara, o xaxim e o jequitibá-rosa. Os usos das plantas variam desde alimentares, medicinais (para saúde das pessoas e dos animais de criação), adubação do solo, controle de insetos e até para proteção contra o vento e fabricação de artesanato.



*As mãos que nos alimentam*



*Sementes Crioulas*

Muitas espécies de plantas têm mais de uma variedade (ou tipos diferentes). Nós encontramos 33 tipos de feijão, 22 de cana, 21 de banana, 19 de mandioca, 17 de milho e 14 de abóbora. Algumas sementes são conservadas nas próprias áreas de cultivo como, por exemplo, a mandioca e o inhame. Outras são conservadas em garrafas tipo PET, em paiol e em tambores. Para conservar a semente de feijão, alguns as misturam com terra de formiga antes de guardar.

Muitas destas sementes são plantadas juntas, em consórcio, prática tradicional que mantém e diversifica a base alimentar e nutricional, atrai animais, conserva o solo e produz biodiversidade e paisagem ao se assemelhar aos sistemas de sucessão florestais. Esta biodiversidade é que garante a produção de alimentos saudáveis, sem veneno.



Guandu e cravo-de-defunto junto aos plantios.

As plantas que as pessoas mais comem em seu dia-a-dia são feijões, favas e verduras e legumes como abóbora, alface, alho, almeirão, batata doce, cará, caxi, cebolinha, chuchu, couve, inhame, moranga, quiabo, salsa, taioba e tomate. O feijão é considerado muito importante na alimentação. Segundo as assentadas/assentados: *“O feijão dá mais resistência para a gente. Comida sem feijão não sustenta”*.

Na trajetória dos lutadores da reforma agrária algumas sementes foram perdidas como da abóbora cravela, feijão arroz, feijão imperial, maxixo de vento, jequeri, melão croá e milho serra-baixa. Estas sementes possuem memória, pois fazem lembrar o costume dos pais de plantá-las, os gostos e os hábitos a elas relacionados. Esta memória estimula ainda mais as/os assentadas/os a percorrerem os lugares, feiras e casas de conhecidos na esperança de retomarem cada uma. Algumas delas foram resgatadas nos intercâmbios agroecológicos.

O povo brasileiro deveria ser grato por cada gota de suor escorrida do rosto de cada assentada e assentado ao se levantar todos os dias, de enxada na mão a proteger nossas sementes e produzir o alimento de nossa mesa!

## Agradecimentos

Agradecemos às assentadas e aos assentados do assentamento Dênis Gonçalves por nos receber de braços abertos, realizar sonhos juntos, partilharem suas vidas e sabedorias! Por serem sementes de resistência, da paixão e de liberdade!



*“Eu fico com a pureza da resposta das crianças”  
(Gonzaguinha).*

**Autoras:** Lis S. Pereira e Irene Maria Cardoso

**Revisão:** Ana Paula J. S. de Araújo, Geraldo M. de Araújo, Carolina R. Gomes, Elisângela Carvalho, Adilson Custódio, Wanessa Marinho.

**Fotografia:** Gustavo T. Soldati, Laura Pronsato, Leticia Gamarano, Lis S. Pereira, Nancy Casas e Walmir Pulga. Múmia, arquivo de imagens do Museu Nacional/UFRJ.

**Ilustrações decorativas:** <http://br.freepik.com/>

**Arte gráfica e diagramação:** Rodrigo da Silva Teixeira

APOIO:



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM AGROECOLOGIA / UFV

